

EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO MÉDIO: Compondo e significando

Carlos Augusto Borba Meyer Normann¹

Ana Lúcia Prates, M.Sc.²

Jaqueline Lourenço Barreto, M.Sc.³

Resumo

O presente trabalho apresenta e discute uma experiência de composição coletiva em duas turmas de Ensino Médio em escola da rede municipal de Porto Alegre/RS. A partir da criação coletiva de canções, se reflete a questão do ato de compor na sala de aula. Ao longo de nossas observações e regências, foi possível ver a construção dos temas nas composições das duas turmas, sempre espelhando o universo pessoal dos discentes. Conclui-se que a prática de composição no espaço escolar, dentro de um estágio discente supervisionado com turmas de Ensino Médio, demonstra que a sala de aula pode se transformar em espaço para a criação musical. Isso torna a ação pedagógica docente um diferencial, potencializando as capacidades que, muitas vezes, os discentes sequer reconheciam em si.

Palavras-chave: Composição, Educação Musical, Ensino Médio.

Abstract

The present work presents and discusses a collective composition experience in two high school classes in the municipal school of Porto Alegre / RS. From the collective creation of songs, it is reflected the question of the act of composing in the classroom. Throughout our observations and conducting, it was possible to see the construction of the themes in the compositions of the two classes, always mirroring the personal universe of the students. It is concluded that the practice of composition in the school space, within a supervised student stage with high school classes, demonstrates that the classroom can transform into space for musical creation. This makes teaching pedagogical action a differential, enhancing the capacities that many times the students even recognized in themselves.

Keywords: Composition, Music Education, High School.

1 Aluno do Curso de Licenciatura em Música, Centro Universitário Metodista IPA.

2 Professora, Escola Municipal de Ensino Médio Emílio Meyer/SMED/Porto Alegre

3 Professora, Curso de Licenciatura em Música, Centro Universitário Metodista IPA.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar e discutir a questão da composição no espaço escolar, dentro de um estágio discente supervisionado com turmas de Ensino Médio, de escola municipal de Porto Alegre/RS. Como nos afirmam Shiozawa e Protásio (2017), o Estágio Supervisionado é um dos principais eixos na formação do professor de Música. Também é um dos elementos que contribui para aproximar o licenciando de música de seu campo de atuação profissional, concatenando assim teoria e prática. No Brasil, como nos lembram Mertzig *et al.* (2012), o ensino de música ainda prevalece restrito, em boa parte, aos conservatórios e escolas de músicas especializadas onde predomina o ensino do instrumento musical e demais conteúdos teóricos e seu alcance é limitado já que poucas pessoas podem pagar por esse estudo.

Um desafio é o fazer e ensinar música em um mundo cada vez mais diminuído pela tecnologia. Devido o seu alcance e relativa facilidade com que as novas gerações interagem com as novas mídias e plataformas que surgem a todo instante, a tecnologia faz parte do cotidiano de uma significativa parcela da sociedade. Há, pois, uma clara convicção que as tecnologias contemporâneas sejam importantes e úteis para difundir elementos artísticos e culturais. Como potencial aliado do fazer educacional na escola, através de uma perspectiva interdisciplinar e colaborativa, representa potenciais bastante interessantes. Contudo, o que se vê é uma divulgação cada vez maior de produtos culturais ligados ao *mainstream*, em detrimento de outras manifestações culturais situadas fora do eixo das grandes emissoras e plataformas. Koellreutter (1977) já nos chamava a atenção para problemas similares. Em que pese seu texto não tenha sido impresso tão recentemente, sua visão de sociedade, sempre à frente de seu tempo, nos faz resgatá-lo para compreender o contexto histórico em que vivemos. Assim, podemos ter noção de quais contribuições a música, e a arte de forma geral, podem contribuir para o desenvolvimento da criatividade como uma forma de quebrar o ciclo alienante no qual estamos imersos em função da industrialização e da sociedade massificada.

O papel das mídias enquanto massificadoras culturais se refletem nas escolas públicas, seja naquelas de clientela de origem mais humilde ou nas de origem mais abastada. Com a obrigatoriedade do ensino de música na escola, a partir da Lei Federal 11.769 de 2008, (BRASIL, 2008), essas práticas passam a serem revistas, percebendo-se o quão amplo e importante é o caminho para a música dentro da cultura escolar.

A composição dentro do contexto escolar reflete o que foi afirmado por França e Swanwick, (2002)

fundamentais da música enquanto fenômeno e experiência, aqueles que exprimem sua natureza, relevância e significado. Esses constituem as possibilidades fundamentais de envolvimento direto com a música, as modalidades básicas de comportamento musical (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p.8).

Assim, o ato de compor, dentro da Educação Musical, deve ser incorporado ao fazer música dentro da sala de aula, enquanto forma de tornar relevante o processo de ensino e aprendizado. Ao criar música, o aluno e a aluna trazem seu universo, sua subjetividade, para o centro das atenções, transformando sua maneira de ver o mundo, suas influências, em produção cultural.

Um outro ponto importante é que, ao estimular a composição, o docente quebra um paradigma de exclusividade do ato composicional. Nesse sentido, Beineke (2009), ao discorrer sobre a aprendizagem criativa em música, argumenta que há, pelo menos, três ideias do senso comum deveriam ser refutadas sobre criatividade em música: a de que se trata de um “dom” exclusivo, destinado a um pequeno grupo de pessoas e, assim, não pode ser ensinada; aquela de que “ser criativo” é uma condição de determinadas pessoas, quando, conforme a autora, existem graus de criatividade; e ainda, a de que a criatividade depende apenas de fatores interpessoais – descartando as contribuições da sociedade nesse processo. Na nossa observação, visamos reforçar tais paradigmas, demonstrando que o criar em música não é algo que necessite ser relegado a um grupo limitado de pessoas.

Partindo desse referencial teórico e de nossas experiências pessoais em composição, nos propusemos a desenvolver o tema em estágio curricular obrigatório junto ao ensino médio. O presente Relatório visa trazer para o texto a vivência que tive enquanto estagiário em Escola Municipal de Porto Alegre, como parte dos requisitos da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II. No curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista IPA, são realizados, de acordo com a grade curricular em vigor, três estágios obrigatórios curriculares. O segundo estágio se dá em turma(s) de Ensino Médio, conforme previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura de Música do Centro Universitário IPA.

2 METODOLOGIA E RESULTADOS

No estágio II, realizado no ensino médio, tive como proposta de ensino a composição. O objetivo de empregar composição e noções de técnica vocal era o desenvolvimento da criatividade, da autonomia discente, a fixação de conceitos musicais e propiciar uma prática de canto qualificada. A partir das observações, foi possível traçar uma estratégia nas aulas de composição, buscando contextualizar a criação musical ao universo cultural discente.

Como nos lembra Romanelli (2008), é necessário conhecer a realidade onde será

desenvolvida a prática educativa. Em nosso caso, o local das observações foi uma Escola Municipal de Ensino Médio, da Rede Municipal, situada próxima a uma das maiores vilas populares da capital gaúcha, na zona sudeste da mesma. As observações e regências foram efetuadas em sintonia com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Municipal e em sintonia com o PPP do Curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista IPA. As atividades musicais foram planejadas para proporcionar aos estudantes a vivência com noções básicas de exercícios em técnica vocal e a prática da composição musical, com o objetivo de fomentar a criatividade, a identidade e o fazer musical coletivo, incentivando ainda o cantar enquanto parte do processo do fazer educação.

As observações, conforme enfatiza Romanelli (2008), permitem que sejam construídas as ações didáticas. Assim, a partir da observação das atividades da docente titular, foram elaboradas as nossas aulas de técnica vocal e composição, de acordo com a realidade dos alunos e alunas da Escola. As aulas de Música, ministradas na Escola, utilizam espaço próprio privilegiado. É uma sala equipada com instrumentos musicais diversos, como teclados, violões, instrumentos de percussão e flautas doces. A capacidade da sala é para 25 alunos e alunas. Há sistemas de amplificação eletrônica e cabeamento para teclados, microfones, contrabaixo elétrico e guitarra elétrica.

As atividades com os alunos envolveram tanto a introdução a preparação vocal, através de exercícios de técnica vocal quanto as oficinas de composição e criação musical. As atividades de técnica vocal se embasaram nos apontamentos de Bago d'Uva (2010) sobre o canto em sala de aula. Já as atividades de composição se basearam em Ramil (2017), a respeito da metodologia de criação das canções em grupo.

Foram observadas duas turmas, em aulas de 2 h/a cada. Uma era de Magistério, em pós-ensino médio, e a outra de 2º ano do Ensino Médio (EM) regular. A turma de Magistério é formada por quatorze alunas e dois alunos, todos com o EM concluído, que buscam qualificação em Magistério para atuar em escolas, via de regra na Educação Infantil. O foco das atividades é, portanto, preparar para a atuação docente na Educação Inclusiva (EI), através de repertório adequado à faixa etária. É um grupo de 16 discentes. Já a turma de Ensino Médio, é um grupo de doze alunos, a maior parte trabalhadores, na faixa etária dos 17 aos 28 anos.

Após o ciclo de observações, foram realizadas as regências por parte do estagiário. As regências, em total de quatro encontros de duas horas/aula cada encontro para cada turma, foram realizadas em forma de oficina. A primeira oficina versou sobre técnica vocal, apresentando-se exercícios de canto. Já as três séries consecutivas de encontros posteriores foram focadas nas atividades de composição coletiva.

A atividade de composição iniciou-se definindo o padrão rítmico a ser seguido na criação coletiva. A turma de Magistério optou por trabalhar um tema de influência do charm, uma das variantes do funk, conforme explica Beschizza (2014). Já a turma de Ensino Médio Regular optou

por uma canção em um padrão do samba-rock, variante rítmica bastante difundida os anos 70 e 80, em especial em bailes e eventos musicais nas zonas periféricas de Porto Alegre. Foi empregado o sistema de som com entrada USB, instrumentos de cordas e percussão disponíveis na Sala de Música.

As canções, após definido o padrão de ritmo, tiveram sua harmonia esboçada pelos discentes. Definidas as sequências de acordes, foi elaborada a melodia, a partir de vocalizes sobre as cadências de acordes. A partir daí, iniciou-se a construção das letras.

A letra do grupo de Magistério falava sobre a infância, posto que boa parte da turma tinha vivência como auxiliar de ensino em estabelecimentos de educação infantil. Já o grupo de ensino médio regular optou por uma letra de mensagem mais intimista, falando aos problemas e vivências cotidianas.

A conclusão da atividade se deu no último encontro de regência. Foi efetuado o registro das canções com o software Cubase 5. Foram gravadas as sequências harmônicas ao violão, em ambos os casos. A canção trabalhada com o grupo do Magistério teve feito o registro vocal individual de alunas e alunos que se sentiram à vontade para gravar sua própria voz, avaliando a seguir o resultado produzido. Já o grupo de ensino médio gravou, além da base ao violão, uma série de instrumentos de percussão, conferindo forte caráter rítmico ao trabalho impetrado pelo grupo, dentro do padrão do samba-rock porto-alegrense.

DISCUSSÃO

A sala de aula pode se transformar em espaço para a criação musical. Isso torna a ação pedagógica do professor um diferencial, potencializando as capacidades que, muitas vezes, os discentes sequer reconheciam em si. Como nos lembra Beinecke (2016), o ato criativo leva ao engajamento de interesses dos alunos na prática do professor, o que muitas vezes resulta num ensino que eles consideram prazeroso, envolvendo-os estreitamente e fomentando relações afetivas no processo de aprendizagem. Nas palavras de Uriarte (2004), temos:

Reconhecendo as subjetividades presentes nas salas de aula, caberá ao professor a mobilização de diferentes formas de trabalhar, estruturando ações que condizem com a realidade de cada aluno (URIARTE, 2004, p.245)

Essa busca de trabalhar dentro da realidade do aluno é essencial para criar um aprendizado com significância. Dessa maneira, Oliveira (2016), ao trabalhar a composição musical em turmas de Educação para jovens e Adultos (EJA), buscou proporcionar aos estudantes uma experiência de

aprendizado musical com significação. Assim, os momentos e espaços em que a música passa se torna o motivo para pensar e discutir criticamente situações fundamentais, fazem que os alunos pensem em si, em seu universo pessoal e, dessa maneira, encontrem significado especial no fazer musical, sempre focados ao seu universo cultural.

Enquanto ação pedagógica, a composição tem a possibilidade de incentivar o estudante a manifestar de forma própria suas ideias, revelando como pensa musicalmente. Como nos lembra Swanwick (2014), a composição favorece a construção de significados, a partir de relações que estabelece com as culturas musicais envolvidas no processo, tanto de colegas, escola, professora, estagiário. A possibilidade de fazer escolhas presentes na composição, mudando proposta de letra, estética, criando partes de arranjo, dentro da ação pedagógica, permite ao discente tomar decisões que influenciam a definição dos rumos do seu processo de aprendizagem, como nos lembra Oliveira (2016).

Ensinar sempre é desafio. Ensinar dentro do universo das Artes, do subjetivo, é desafio maior ainda. Uriarte (2004), nos alerta que, em alguns casos, o aparente desinteresse dos alunos em conhecer outros universos culturais reside no fato de que os mesmos se apresentam como inacessíveis, obscuros, por vezes até longínquos da realidade discente. Cabe ao docente, enquanto facilitador, propor uma metodologia criativa, para que o ensino da música utilize a realidade de cada um como ponte para a ampliação do conhecimento dos outros alunos e professores, com vistas a encontrar o acesso para uma reflexão/construção ética e estética, acerca das diferentes formas de produção cultural e sua utilização como objeto para a educação.

Como parte desse fomentar metodologias criativas, temos na ação pedagógica do professor em sala de aula, segundo Jeffrey e Woods (2009) (*apud* Beinecke, 2016), uma das chaves para que a aprendizagem criativa ocorra. Nessa perspectiva, é fundamental compreender a natureza do ensino criativo, fomentando o fazer musical, e de uma aprendizagem relevante e significativa para os alunos. Assim, a aprendizagem relevante envolve um ensino conectado a interesses e preocupações dos alunos, levando-os a reconhecer e identificar essas características.

O criar musical na sala de aula leva a pensar sempre quais as abordagens que o professor precisa desenvolver para trabalhar com os mais diversos grupos de estudantes. Essa reflexão convida a respeitar o significado que os discentes atribuem à música por meio de sua cultura musical que, na maioria das vezes, é massificada pelos meios de comunicação (BICHELS; NATERA, 2013). Assim, como nos lembra De Paula (2007), refletimos nas origens dessa massificação cultural. A globalização econômica e o progresso na área informacional, com o acesso relativamente fácil às mídias informatizadas, redes sociais e plataformas de difusão musical, conforme comentado por Popolin (2010), provocaram alterações significativas na vida social, com a disseminação dos produtos da indústria cultural. Houve, assim, todo um processo de

internacionalização das culturas, apontando para o fenômeno da homogeneização da cultura, a partir dos princípios culturais dos países centrais, denominados de primeiro mundo.

Dentro dessa lógica, é pertinente ao docente o pensar um processo educativo que proporcione aos estudantes o contato com uma prática que os possibilite vivenciar e expressar ideias e ideais musicais com a criação musical. Essa prática deve respeitar suas vivências, influências e culturas pessoais. Também deve proporcionar a eles a possibilidade de acessar outras culturas musicais historicamente presentes e influentes na música produzida em nosso país, nem sempre valorizadas e de grande visibilidade pelo *mainstream*. Nesse sentido, apresentar temas como os de Zeca Baleiro e outros cantatores brasileiros pode permitir uma abertura de horizontes culturais, agregando à informação musical do aluno novas referências.

Max Weber (1995) nos afirma que a música se relaciona, em ligações de menor ou maior tensão, com outras dimensões da vida social contribuindo intensamente para o desenvolvimento cognitivo. Assim, a prática musical, como nos lembram Félix *et al.* (2014), estimula a percepção, a memória e a inteligência, desenvolvendo a capacidade de assimilação de conteúdos por meio da sensibilização. O lado afetivo-emocional, quando tocado, contribui para a construção do conhecimento à base da motivação, principalmente quando o educando consegue relacionar letras e sons, trabalhados junto à música com a realidade cognitiva construída em sala.

A opção pela composição dentro do contexto escolar parte, como afirmamos, das premissas de França e Swanwick (2002), ao afirmarem o papel da criação musical como um dos processos fundamentais do fenômeno e da experiência musical. Sendo pois parte dessa experiência, reforça-se a afirmação de Beineke (2009), que desmistifica a ideia de “dom” exclusivo, da condição do “ser criativo” e de que a criatividade depende apenas de fatores interpessoais. Ao longo de nossas observações e regências, foi possível ver a construção dos temas nas composições das duas turmas, sempre espelhando o universo pessoal dos discentes, seja no mundo do trabalho junto a crianças, ou no expor seu sentimento diante da sociedade.

Da mesma forma que Beineke (2009), vemos que o compor envolve o criar, o novo, o que significa. Poder permitir que o discente se invista dentro dessa visão de que pode, sim, trazer seu universo e suas significações em termos musicais nos abre horizontes bastante promissores dentro do modo de ver a sala de aula na Educação Musical. Como Prometeu, roubamos o que seria um “fogo olímpico” e os damos para iluminar a Humanidade, ao lembrar e afirmar que sim, a composição pode ser feita com os ingredientes do dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi uma experiência bastante gratificante a de observar as aulas no ensino médio, bem como poder colocar em prática técnicas de composição coletiva junto aos grupos. Se, por um lado, tive a oportunidade, em diferentes ocasiões, de participar de oficinas de criação coletiva musical, o mesmo não pode ser dito de todos os jovens, em especial daqueles cuja realidade transita do trabalho diário à sala de aula, por vezes desdobrando força de vontade para manter a atenção durante as aulas, vencendo cansaço, fadiga e todos os percalços do dia a dia.

Também me ver ensinando princípios de técnica vocal foi uma experiência bastante peculiar. Não me considero um cantor; sempre preferi, no fazer musical, o tocar, seja o violão e derivados, ou, mais recentemente, a flauta transversal. Sempre fui entusiasta do compor, do criar arranjos, dando forma a ideias musicais minhas ou de terceiros. Quando me vi desafiado e desafiando os grupos no desenvolver de rudimentos de técnica vocal, pude me confrontar com meus limites e potencialidades. Exercitar aspectos de articulação, emissão e vocalizações passaram a ser parte, se não do cotidiano dos alunos, pelo menos do meu cotidiano, com maior frequência e disciplina.

Um destaque que faço sobre a atuação docente da supervisora é o fato de procurar manter a atualização em termos de criação musical focada na infância, bem como a valorização do universo da música popular brasileira. Durante as aulas observadas, temas do grupo Palavra Cantada, referência em produção musical infantil, foram repetidas vezes lembrados pela docente, estimulando as alunas e alunos a conhecer o trabalho do grupo paulistano. Também o fato de apresentar autores da música brasileira, como Zeca Baleiro, Raul Seixas, Zé Ramalho e outros, que não se encontram de forma ostensiva na mídia televisiva e rádios comerciais traz a preocupação em ampliar os horizontes de cultura musical dos alunos. Em um tempo no qual a música de consumo cada vez mais ganha espaço midiático, trazer a MPB à sala de aula é um ato essencial para a formação cultural discente.

Alguns pormenores cabem ser destacados ainda em relação ao trabalho executado. O fato de ter ocorrido a greve dos condutores de veículos de carga teve impacto direto sobre as observações, uma vez que houve suspensão das atividades no dia 28/05/2018. Por ser uma escola com grande parte de seus alunos residindo nas comunidades da região da Vila Cruzeiro, Glória e outras áreas, a redução do número e horários de ônibus levou à Secretaria Municipal de Educação a suspender aulas na rede pública de Porto Alegre. O que afetava todo o país acabou por se abater também sobre nossas atividades, retardando em uma semana a conclusão das regências. Isso, no entanto, não diminuiu nosso desejo de fazer educação musical com esforço e buscando qualificar nossas ações.

A escola apresenta potencialidades e material humano com qualidade para um fazer

educacional de nível elevado. Cabe aos gestores municipais da Educação fomentar as condições para que, cada vez mais, seja factível um ensino municipal de qualidade, bem estruturado, permitindo uma formação integral ao corpo discente.

REFERÊNCIAS

BAGO D'UVA, José Carlos. **Práticas de Técnica Vocal e Respiratória Aplicadas ao Canto Coral nas Escolas do 1º Ciclo do E. B.: um estudo sobre os efeitos da técnica vocal e respiratória como (um dos) fator(es) de valorização “do canto em conjunto” em contexto de sala de aula.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico), Setúbal, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação. 102 pp., 2010.

BEINEKE, Viviane. **Processos intersubjetivos na composição musical de crianças: um estudo sobre a aprendizagem criativa.** 289 f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 289 p., 2009

BESCHIZZA, Christian Barcelos Carvalho Lima. Uma Introdução ao Funk Carioca: trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas. **Horizonte Científico**, v.9, n.2, p. 1-21, 2015.

BICHELS, Raveli; Natera, Gislene. Vivências de apreciação, improvisação e composição em sala de aula. **Revista Nupeart**. v. 11, p. 55-65. 2013.

BRASIL. Lei nº 11.769/08, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n.. 9394/96, para dispor a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm> Acesso em: 09/06/2018.

DE PAULA, Carlos Alberto. **A música no ensino médio da escola pública do município de Curitiba: aproximações e proposições conceituais à realidade concreta.** Curitiba, Dissertação, Mestrado em Educação, UFPR. 133 pp. 2007

FÉLIX, Geisa Ferreira Ribeiro; Santana, Hélio Renato Góes; Oliveira Junior, Wilson. A música como recurso didático na construção do Conhecimento. **Cairu em Revista**. v.3, n.4, p. 17-28, 2014.

FRANÇA, C. C.; SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. **Em Pauta**, v. 13, n. 21, 2002.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. **O Ensino da Música Num Mundo Modificado.** Disponível em: <http://www.latinoamerica-musica.net/ensenanza/koell-ensino-po.html> 1997.

MERTZIG, Patrícia; Faria, Luciana F. ; Neto, Antonio C. ; Belletti, Helita; Alfaro, Rebeca. Metodologias para o ensino coletivo de música para professores não especialistas. **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Presidente Prudente, 22 a 25 de outubro, 2012

OLIVEIRA, Rafael Dias de. Pensar e fazer música refletindo sobre o mundo: composição musical na EJA. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 7, n. 8, 2016.

POPOLIN, Alisson. O que jovens do ensino médio aprendem de música através de suas experiências diárias de escuta: um estudo de caso. **I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**, p. 113-120, 2010.

RAMIL, Kleiton A.; RAMIL, Kledir A. **Oficina – Letra e Música.** Disponível em www.ucs.br/site/eventos/oficina-letra-e-musica-com-kleiton-e-kledir, 2017, acesso em 28/06/2018.

ROMANELLI, Guilherme G.B. Planejamento de aulas de estágio. In: **Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação.** Mateiro, Teresa;

Souza, Jusamara (Orgs.). Porto Alegre, Sulina. 1ª ed, 1ª reimpressão, p. 130-142, 2008.

SHIOZAWA, Priscilla Harumi; Protásio, Nilceia. O estágio supervisionado na licenciatura em música e o desenvolvimento da autonomia. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 23, n. 45, p. 125-144, 2017.

SWANWICK, Keith. Música, **Mente e Educação**. Tradução de Marcell Silvia Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

URIARTE, Mônica Zewe. Música e escola: um diálogo com a diversidade. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 245-258, 2004.

WEBER, Max. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**, São Paulo, Edusp — Editora da Universidade de São Paulo, 168 p., 1995.

cri an ça tem que brin car cri an ça tem que ser cri an ça cri an ça é fu tu

6 ro vi ver cri an ça tem que brin car

12 cri an ça tem que ser cri an ça

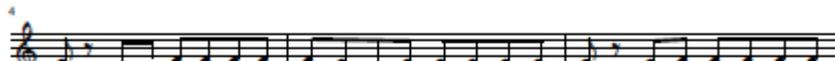
Ilustração : Composição criada pela turma de Magistério.

Tudo

criação coletiva - 2o ano ens médio EMEM Emilio Meyer



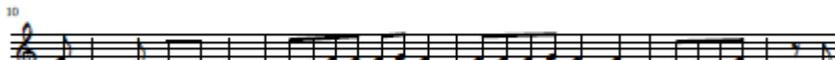
quem sa be uma vi da se ja pou ca pra vi ver um a mor queeu se ja um es cri



4 tor ro tei ris ta so nha dor dos ra bis cos li nhas tor tas mo men tos do pas sa



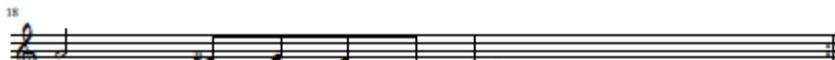
7 do flashes do fu tu ro pou co pra ten tar mui to pra fa zer chan ces pra er



10 rar tem po pra aprender téa ho ra de a cer tar que ou viu con se lhos nun ca es cu tou so



14 men te a predeu a que le que er rou vem po de me le var po de me gui
tem tem po de bus car po dei lu mi



18 ar ho ra de so nhar
nar ho ra dea cor dar

